

## Do cuidado amoroso: acontecências do pastoreio

*Kátia Rose Oliveira de Pinho  
Para Sônia Almeida*

*Caminho e balança Ponte e  
palavra encontram-se em uma passagem.  
Vai e toma sobre ti Erro e pergunta ao  
longo de tua única senda.  
Martin Heidegger*

*No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse  
acontecimento na vida de minhas retinas  
tão fatigadas. Nunca me esquecerei que  
no meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho no  
meio do caminho tinha uma pedra.  
Carlos Drummond de Andrade*

*Caminante, son tus huellas el camino y  
nada más; Caminante, no hay camino, se  
hace camino al andar. Al andar se hace  
el camino, y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca se ha de volver  
a pisar. caminante no hay camino sino  
estelas en la mar.  
Antonio Machado*

Caminhar diz sempre e a cada vez o movimento de uma experiência. Experiência não enquanto busca de provas para fato consumado, mas como disposição a aquilo que surge do e no caminho e assim o faz ser possibilidade de revelação e desvelamento: acontecência. Ao se deixar ser colhido por este movimento, por este chamado provocador não será mais possível retroceder nem dissipar o sabor que tem encaminhar-se no caminho de uma caminhada. Os poemas escolhidos para epígrafe dizem três momentos distintos e indicam que há um percurso a seguir. Por certo, um percurso que brota à medida que se percorre, sabendo antecipadamente que é distância perdida toda volta sobre o passo dado, ainda que haja sempre pedras ao longo do caminho, necessárias e imprescindíveis até. Trilhando a via que se interpõe entre poesia e pensamento, ousa-se nela permanecer a fim de experienciar a travessia da ponte que une poeta e pensador: a linguagem. Segundo Gadamer (2002:171), “a linguagem sempre se dá no diálogo. A linguagem se realiza e encontra sua plenitude no vai e vem da fala, em que uma palavra leva à outra. É na linguagem que alimentamos em comum, a que encontramos juntos, que a linguagem desenvolve suas possibilidades”. É, pois, o diálogo condição *sine qua non*

para se pensar as questões que eclodem a partir do dizer pensante e do dizer poético visto que ambos são, essencialmente, linguagem. O que se compreende, porém, por diálogo? Uma troca de informações ou interação entre indivíduos, esta é a concepção trivial e cotidiana. Excedendo a cotidianidade, compreende-se diálogo como presença do *lógos* (linguagem) manifesta no acontecer-apropriante da palavra do poeta e do pensador. Destarte, o dizer pensante de Martin Heidegger e o dizer poético de Fernando Pessoa provocam, chamam à celebração da linguagem enquanto apresentação do *lógos*, com a cura necessária à escuta do que se oculta na palavra de ambos e revela-se no silêncio que as perpassa. Sabe-se o risco da ousadia, mas por que não tentar alçar vôo e mergulhar nestes dizeres pro-vocantes? Colher do mar o sabor do sal é possibilidade de nutrir rebanhos.

Rebanhos, pensamentos espalhados pelas paragens da poesia, especialmente da poesia de Alberto Caieiro, outro-mesmo-Fernando Pessoa, cuja obra compõe-se de cento e vinte e sete poemas<sup>1</sup> agrupados sob três títulos, a saber, *O Guardador de Rebanhos*, quarenta e nove poemas; *O Pastor Amoroso*, oito poemas; e *Poemas Inconjuntos*, setenta poemas. Destes três grupos elege-se para estudo *O Pastor Amoroso* sem que isso exclua do diálogo os demais poemas e outros poetas. Antes de se atender aos apelos da escuta, uma breve digressão acerca dos nomes. Segundo Houaiss (2001:1492), *guardador* (formado por *guardado* + *-or*), aquele que guarda, vigia, deriva da forma latina *guardare* cujo radical *guard* é oriundo do “germânico \*wardôn ‘montar guarda, estar em guarda; procurar com a vista’, der. de \*warda ‘ato de buscar com a vista; guarda; sentinela’, e este de \*warôn ‘prestar atenção’”; enquanto *pastor* (lat. *pastor, oris*) deriva de *pastum*, supino do verbo *pascere*, apascentar, levar ao pasto e vigiar, ou seja, pastor é aquele que conduz (o rebanho) e, esta condução é também guardar, prestar atenção. Há, pode-se dizer, uma possível proximidade entre os nomes (*guardador* e *pastor*) asseverada pelo significado (*guardar, vigiar*), o que os distancia revela-se no que lhes dá sentido: o cuidado. Sai-se das margens dos nomes para andarilhar pelos títulos, outras margens. No primeiro título está explícito o que se guarda, no segundo mostra-se como se guarda e conduz<sup>2</sup>. A interligar as margens está o cuidado. Cuidado que se mostra, se explicita no ater-se ao rebanho, *O Guardador de Rebanhos*; e, o cuidado que se evidencia desde dentro de suas dobras, implícito, a afeição intensa, *O Pastor Amoroso*.

O que se entende, no entanto, por cuidado? O desvelo para com aquilo a que se pro-põe e dis-põe. Resposta muito pronta, carecente de cuidado. Volta-se ao latim e vê-se que cuidado advém de *cura, ae*, “cuidado, preocupação” (HOUAISS, 2001: 892), ou seja, ocupar-se previamente, mostrar interesse por algo ou alguém. De fato, só se cuida, se guarda aquilo pelo que se interessa. Não se trata, todavia, do interesse trivial e passageiro que grassa nos dias atuais, em que tudo se subsume na efemeridade. *Inter-esse*, ser/estar em meio, ou como bem nos diz o pensador (HEIDEGGER, 2002:113), “estar numa coisa de permeio e junto dela assim persistir”, desta forma compreende-se que interesse é inerente ao cuidado e assim quem cuida, persiste e se atém. Manter-se em meio requer afeto, visto que ao se afeiçoar a algo (ou a alguém), se acolhe e se cuida em doação, em

---

<sup>1</sup> Consideramos para este estudo os poemas inseridos em *O guardador de rebanhos, O pastor amoroso e Poemas inconjuntos* reunidos em PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caieiro*. 1 ed., São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

<sup>2</sup> Talvez coubesse aqui uma reflexão sobre o primeiro conceito de coisa apresentado por Martin Heidegger em *A origem da obra de arte*. Seria desvio de rota, porém, neste momento.

pouso<sup>3</sup> e re- pouso de si mesmo e do outro, porquanto é o que lhe confere sentido. Quiçá por isso se depare com um pastor de amor intenso, abundante em seu amor: *O Pastor Amoroso*.

Quem é este pastor? O que significa ser pastor no universo da obra caieirana? Que pastoreio é este cheio de afetividade? A quem é dedicado este afeto? Muitas perguntas, sempre tantas em face de poucas respostas. Antes de se encaminhar ao empenho da busca do que se põe, deve-se esclarecer o motivo pelo qual não se ter detido ante *O Guardador de Rebanhos* uma vez que tanto se fala em guardar. Compreende-se guardar uma atitude, um movimento posterior e menos determinante (no sentido de causador, gerador) que o pastorear. Pode-se até inferir que a escolha se deva ao adjetivo, ao que se lança em direção ao pastor e, conseqüentemente, ao pastoreio. Afeto, porém, não é algo exterior, está na máxima interioridade de todo cuidado e, portanto, exterioriza-se na e pela disposição ao que se cuida, por lhe ser interente (HEIDEGGER, 2002:111). Destarte, tenta-se chegar ao princípio começando pelo que está em meio ou ao meio. Vale-se aqui da diferença entre começo e princípio, apontada por Heidegger (2004:11):

O começo é aquilo com que algo se inicia, o princípio é aquilo de onde se vem. (...) O começo cedo é deixado para trás, desaparecendo na continuação dos acontecimentos. O princípio, a origem, pelo contrário, evidencia-se primeiramente por entre os acontecimentos e só no fim destes está plenamente presente.

Sendo o pastorear um con-duzir atento, só se pode conduzir o que se permite à condução por já se estar/ser em conjunção desde antes do conduzir motivado pelo que lhe afeta. De tal sorte, o adjetivo *amoroso* mais que ser um qualificativo intensificador revela não apenas a condição em que se dá o pastoreio, mas também a disposição fundamental do pastor ao que a ele se entrega, o que exige pensar em uma possível manifestação de subjetividade intimista.

Volte-se às perguntas: Quem é este pastor? O poeta, por certo, Alberto Caieiro. Poeta ou pastor? Perscruta-se um desvio? Não há desvios quando se está na via do pensamento e da poesia. O poeta não deixa de ser poeta e assume a *persona* de pastor, mostra-se no poder vir-a-ser-o-que-é sendo: vigia da morada do Ser e esta vigilância se dá a conhecer nos poemas que compõe *O Pastor Amoroso*. Dubitação: Trata-se realmente de oito poemas ou se pode considerar um único poema composto por oito estrofes em versos livres num ritmo poético que subjuga toda possibilidade de prosaísmo? Permite-se a ousadia de conceber *O Pastor Amoroso* um único poema, em que o poeta apresenta sua história (no sentido historial), que é a história de todos os que se põe ao dispor da linguagem, em oito estrofes sem uniformidade quanto ao número de versos. Destarte, encaminha-se ao dizer poético observando a paisagem que descortina o acontecer-apropriante da poesia. Pela palavra entregue ao poeta, pode-se aproximar e escutar a saga do dizer celebrando o advento da Poesia. Compreenda-se Poesia enquanto manifestação do Ser pela e na linguagem re-velada pelas palavras do poeta, único meio do qual ele dispõe para o que se lhe revela. Ressalva: a Poesia não está nas palavras, se assim fosse, o dicionário seria o livro mais poético que se tem notícia e, no entanto, só por meio delas se pode alcançar o poético. Cabe, porém, a lembrança de que quando se está em presença do

---

<sup>3</sup> No sentido do verbo latino *ponere*, ou seja, “pôr, colocar, dispor, estar disposto, estar pro-posto, estar posto como fundamento” (HEIDEGGER, 1999a:228).

poético “cada palavra, por ser poética, é núcleo de múltiplos sentidos e possibilidades de revelação” (CASTRO, 2005:18), o que não exclui o que se costuma dizer: do silêncio das palavras, do espaço entre elas e das entrelinhas desabrocha a poesia, seus encantamentos e mistérios, perceptíveis tão somente pela ausculta de quem acolhe e se recolhe em diálogo.

Desde que se é/está em diálogo e nele se permanece, pode-se auscultar o percurso deste pastor e perguntar a quem ele se está referindo. Será que ele personifica o seu pastorear e o revela pela presença constante de uma segunda pessoa expressa nos pronomes *tu, te, contigo*? Ou será ainda que este “tu” remete a uma possível musa inspiradora? Se se fosse enveredar pela malhas do subjetivismo, demonstrar-se-ia que se trata de enleios sentimentais do poeta-pastor. Todavia não procede à boa escuta este açodamento. Que algo se mostrou, se retraiu e permanece presente, a partir de seu retraimento, é evidenciado desde os versos iniciais da primeira estrofe:

Quando eu não te tinha Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo... Agora amo a Natureza Como um monge calmo à Virgem Maria, Religiosamente, a meu modo, como dantes, Mas de outra maneira mais comovida e próxima.

O que se mostrou e retraiu? Não se sabe. Está inominado ao longo de todo poema. Sabe-se apenas que tocado por alguma coisa o pastor já não apascenta como dantes. Apressadamente dir-se-ia tratar-se do amor. Uma possibilidade possível se se considerar amor como imagem-questão e a partir de então apreendê-lo como acontecer da poesia. Como pode ser isto possível? Retrocedendo sob o passo dado, e saltando pra dentro dos vazios da teia poética, pois só assim se poderá experimentar o vazio que o pensador (HEIDEGGER: 2006:51) chamou *acontecer-apropriante*, isto é, a esfera, campo possível ao encontro do poeta com a poesia, por ser onde vige e vigora a linguagem em sua essência e, a partir de onde, por doação receberá o poeta o que lhe permitirá ser poeta, a poesia. Neste sentido, pode-se dizer que *O Pastor Amoroso* constrói o âmbito dinâmico do comum-*pertencer* de poeta e poesia, cujo material para aparecimento de ambos é outorga da linguagem. Como se dá esta edificação? Só acompanhando a saga do Pastor poder-se-á apreendê-la, sendo necessário, portanto, saltar no vazio e se pôr à escuta do que ele diz.

Circunstancializando temporalmente sua narrativa, nos dois primeiros versos da primeira estrofe (“Quando eu não te tinha/ Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...”) o poeta remete a um antes, a um momento anterior expresso não apenas pelo advérbio *quando* mas também pelos verbos no pretérito imperfeito. Remissão a um passado em que se era-dentro-do mundo similar a quem vive só, solitário e con-sagrado a este viver a Vida, sem, contudo, pertencimento (quando eu não te tinha). Pergunta-se: De onde se tira “Vida” se o poeta fala apenas que “Amava a Natureza”...? Pertencimento a quem ou a quê? Quem é este tu? Tartarugar o passo é sempre boa condição para caminhar nos caminhos da poesia. O que é Vida? A que se dá o nome vida? Período de existência entre o nascimento e a morte permeado de acontecimentos, hábitos, sabores e dissabores? A isto corriqueiramente também se dá o nome de vida. No poema caireano vislumbra-se Vida como uma possibilidade à imagem-questão *Natureza*, o que nasce, o nascido, o que é em gratuidade e ser, não é isto também vida, acontecência? Uma acontecência que acontece no seu acontecer, sem que tivesse afetado o poeta porque ele não a tinha, não pertencia, não participava deste movimento, ou seja, era-não-se-sendo-se.

Mas...

Agora amo a Natureza Como um monge calmo à Virgem Maria, Religiosamente, a meu modo, como dantes, Mas de outra maneira mais comovida e próxima.

O terceiro verso inicia-se com o advérbio *agora*, indicativo de alteração; que se dá, pois, a partir de então, visto que se continua a amar a natureza como dantes? Retome-se o primeiro verso (“Quando eu não te tinha”) para que se possa por em via de apreender o terceiro (“Agora amo a Natureza”) e, não é exagero o reformular: Agora [que te tenho] amo a Natureza. Disse-se acima que o advérbio *agora* é um indicativo de alteração, convém pensar. Não se nega a presença de um “antes” (os dois primeiros versos o confirmam) e o que se tem desde este “agora” é um momento instaurador, de fundação de um novo momento em que articula passado e futuro no presente para poder-ser o que precisa ser e assim reatar o que foi, é e será a origem de seu modo próprio de ser poeta. Volta-se ao ponto em que se está sem nunca dele se ter saído. Anda-se em círculos. Talvez. O tempo não tem começo nem fim e somos tempo-liminar, na possibilidade de poder-ser retorno ao princípio, ao originário e resgatar o começo como instante de experiência do real, pois como bem diz Riobaldo (ROSA, 2006:66) “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. O atravessamento é passagem para o que sempre se deu e espera em repouso.

Oxalá, seja por isso que o poeta diga que seu amor à natureza é similar ao de um “monge calmo à Virgem Maria”. Voltar à figura feminina permite pensar o retorno à fonte matricial, ao originário, pois “a mãe-mulher é o originário junto com o homem, a *physis* originária em sua concentração máxima” (CASTRO, 2005:20) e enquanto tal, constante mistério, mistério a manter a tensão do re-velar-se, pois ao se mostrar, retraí-se em seu mostrar-se e provoca espanto em quem é colhido pela acontecência do instante e instado a ser des-coberto do ordinário no extra-ordinário do momento para poder realizar em si toda plenitude do que se é, transpondo-se à esta instância instauradora de si mesmo pelo outro que ele mesmo é (“Não me arrependo do que fui outrora/ Porque ainda o sou”) modificado pela entrada no âmbito da abertura que lhe conclama a ser o que é: poeta, pastor, vigia da morada do Ser.

Aberto à esta abertura só está quem se interessa, ou seja quem é inter-esse, e seguindo os passos do pensador (FOGEL, 2003: 27) “ser (esse) entre (inter). Uma espécie de “entre-ser”, que quer dizer: ser *sempre* já dentro ou desde dentro (inter) de um modo de ser (esse)” de quem está em meio ao que lhe afeta, e afetado pelo sentir, chamado de amor, vê de/ por outra perspectiva, ou seja, vê através do sentir. Olhar através da lente do amor tempera o dizível e o in-dizível nascido do silêncio e da solidão. O pastor está só e em silêncio, “Está alta no céu a lua e é primavera/ Penso em ti e de dentro de mim estou completo”, nos diz na segunda estrofe, como disse também a poetisa Cecília Meireles (apud JARDIM, 2005: 207) “Eu canto porque o instante existe / e a minha vida esta completa” o que encaminha a pensar em solidão e silêncio como con-dição de e condução para o pensar caireano e o cantar ceciliano. Pensar... cantar... ações fundamentais. Cuida-se por ora do pensar de Caeiro que tomado de amor mostra o que é ser a partir do entre-ser, como diz na terceira estrofe:

Agora que sinto amor Tenho interesse nos perfumes. Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro. Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.

Estar dis-posto ao que se dá, torna visível o sempre já visto. Instalado no âmbito da abertura do que sempre esteve presente, o poeta é sentido, sentimento em todos os sentidos e intersecções sensoriais. A dimensão do seu ser é a dimensão da possibilidade de poder-ser-ver-sentir outorgada pela dinâmica do silêncio contrária as “coisas que se sabem por fora”. Saber por fora remete à apatia, à indiferença e o poeta agora sabe “com a respiração da parte de trás da cabeça” (verso 7). Verso estranho a quebrar a linearidade da leitura. Faz parar abruptamente e avançar pelos versos subseqüentes em busca do sentido:

Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça. Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira. Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.

O sentido não está nos versos seguintes, mas no primeiro verso desta mesma estrofe: “Agora que sinto amor”. O poeta é conduzido ao *comum-pertencer* com todas as coisas no movimento gerado pelo sentir, visto que “os sentimentos ou os afetos são possíveis perspectivas, ou seja, instâncias, meios ou elementos, em cujo âmbito ou a partir de cujos âmbitos as coisas aparecem, se mostram ou se fazem tais coisas” (FOGEL, 2002:11). Desde este perpassamento, o pastor con-duz e é con-duzido na consumação do pastoreio, em que se deixa estar “com alegria e pena”. O antagonismo é apenas aparente tanto quanto a possível adição de pena à alegria. Alegria e pena, realidade e sonho estabelecem a tensão harmônica da vida se fazendo vida. Ante o encontro desse desencontro (aparente) o poeta abandonado de si diz:

Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações. Não sei o que hei-de ser comigo. Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

Quem é este “ela” a que o poeta se refere agora? A Natureza? A poesia? Por que e para que se busca nome se o poeta não o faz? Chama atenção que nas estrofes I e II o poeta sempre tenha feito referência a um “tu”, sugerindo proximidade de algo ou de alguém; a partir da quarta estrofe a referência passa a ser a um “ela”, indiciando afastamento, um distanciar-se. Desde a proximidade, apropriado que está pelo instante do acontecer, o dizer do poeta é desencobrimento, o qual nos é mostrado nas três primeiras estrofes. A partir da quarta estrofe não há mais referência a um “tu”, mas a “ela” (“Quero que ela me diga qualquer coisa pra eu acordar de novo”), algo (ou alguém) que não está mais presente, retraiu-se no encobrimento e o poeta já não pode alcançar. Talvez por isso que diga nos dísticos que fecham a quarta estrofe:

Quem ama é diferente de quem é. É a mesma pessoa sem ninguém..

Versos provocam estranhamento e requerem atenção cuidadosa. Como se pode ser diferente do que se é por amar? A resposta está no oitavo verso da sétima estrofe, “Porque não se é amado como se nasce mas como acontece”. Então, se pode tomar o amor como uma acontecência que conduz ao desconhecido de si porquanto não é inerente ao que se é. Antonio Jardim (2005:79) ao fazer o percurso da palavra “diferença” diz que:

A palavra diferença nos diz da articulação de dois radicais gregos di e ferw. O radical di é na verdade Dii que é o dativo de Zeuvvjjw, e quer dizer deus, o que brilha, duas vezes, o

desconhecido. Gerou em português, muitas vezes por via do latim *dis*, o sentido da dualidade, da alteridade, do desconhecido. O verbo grego *ferw* diz levar, portar, levar consigo, levar para outra parte, chegar até, tender, dirigir-se, conquistar, obter para si. Desse modo, *diferença traz consigo essa imposição do desconhecido, isto é, daquele que não nasceu junto, do que corre em direção ao que brilha, do que está num outro pólo, numa outra dimensão, do que corre em direção ao que brilha*. Por sua vez, o que brilha, o que ainda não se conhece é o que interessa, é aquele com o qual ainda não se fez a experiência do co-nascer. (grifo nosso)

A experiência do afeto instaura a diferença, que perpassa quem a experiencia, pela possibilidade de poder-ser o que ainda não é. Talvez por isso que o poeta diga que quem ama “é a mesma pessoa sem ninguém”. O ser sem ninguém é quase como uma condição inelutável, visto que em interioridade, em solidão e, conseqüentemente, em silêncio, se é na máxima liberdade para a possibilidade de realização de si, e por que não dizer do real? Por estar atravessado por este sentimento o poeta diz na estrofe seguinte:

O amor é uma companhia. Já não sei andar só pelos caminhos, Porque já não posso andar só.

Associa-se, comumente, o sentimento a alguém e esta vinculação muitas vezes mantém encoberto o próprio sentimento. Busca-se o brilho não onde ele nasce e está, mas no outro. Caeiro faz com que se saia do senso comum e coloca o amor não como um substantivo, mas como verbo, ou seja, como ação capaz de impulsionar para o que se é em descoberta e possibilidade de ser a partir de si e não do outro. Enquanto acontecia o amor prescindia razões, o disse Carlos Drummond de Andrade (2002:41), e sendo força motriz move e toma o poeta de tal modo que não lhe possibilita a solidão solitária, vazia, desprovida de sentido, mas a solidão perfeita propiciadora de desvelamento do real, da vida pela e a partir da experiência de co-nascimento, do encaminhar-se ao brilho que o faz ser diferente de si sendo a mesma pessoa que é. Por outro lado, pergunta-se para onde se encaminha o pastor? Que e como são estes caminhos? Os versos seguintes os mostram:

Um pensamento visível faz-me andar mais depressa E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo. Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo. E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar. Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas. Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela. Todo eu sou qualquer força que me abandona. Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

Ao se permitir apropriar pelo sentimento, o pastor mantém presente o acontecer em sua acontecência ainda que este já se tenha retraído. Destarte, a perspectiva do pastor constrói seu pastoreio e dele se toma conhecimento muito menos pelo que ele diz mas pelo que nos põe as palavras do pensador (HEIDEGGER, 2002: 127): “o homem é à medida que *habita*”, ou seja, o pastor consuma seu pastorear à medida que corresponde ao apelo do pastoreio, e resguarda o que lhe foi entregue durante o pastorear o qual dá a conhecer pela narrativa não do que passou, mas de sua apropriação pelo que lhe faz pastor. Mantendo-se no abandono do fazer-se, o poeta cultiva a lembrança como mostra nos versos iniciais da sexta estrofe (versos 1 a 4) e faz recordar as seguintes palavras:

“Toda criação poética surge quando se cultiva o pensar da lembrança”. Poder-se-ia pensar que esta frase de Heidegger (2002:118) corresponde tão somente aos quatro versos referidos, no entanto, cuidando-a, ela revela o que Caeiro ao longo de seu poema deixa inominado. O pensador também não nomeia, por certo, mas permite aproximação ao que está em suspenso: a criação poética. Mantenha-se a suspensão por enquanto, visto que o quinto verso desta mesma estrofe solicita que se amplie o diálogo até aqui empreendido.

Conceda-se voz a Parmênides, Hölderlin e Caeiro. Parmênides (2005: 45) fragmento III:

† τ ] γ ρ α[τ] νοεῖν εστ↔ν τε καε ε<sup>TM</sup> vai./ † pois o mesmo é pensar e ser.

Hölderlin, citado por Heidegger (2002:119):

*Quem o mais profundo pensou, ama o mais vivo.*

Caeiro no quinto verso da sexta estrofe:

*Amar é pensar.*

Pensar-ser-amar, uma tríade que se impõe. Na conferência *O que quer dizer pensar?*, Heidegger (2002: 111-124) faz o percurso desta questão e incita a que se pense o que quer dizer pensar. Pensar se define pelo pensamento do que se faz digno de ser pensado, tanto quanto amar só se sabe amando e ser, sendo. Dito desta forma, reduz-se tudo a um denominador comum como a querer apenas tangenciar a questão cujo brilho fere os olhos e talvez tenha sido por isso que inventaram os óculos escuros. Os três poetas falam *pensar*, e o que diz esta palavra?

Pensar vem do verbo latino *pendere*, cujo particípio passado é *pensum*. *Pendere*, significa pendurar, prender; e *pensum*, pendurado, pendido. Ainda no latim formou-se o substantivo *pensum*, que diz propriamente, o pendurado, a quantidade de lã que se pendura para a tarefa de tecer e fiar por um dia. Daí em sentido metafórico, *pensum* dizer a tarefa, o encargo. (LEÃO, 2005)

Aceita-se, mas ainda há inquietação. Retroceda-se à etimologia (HOUAISS, 2001: 2178):

[Do] latim tardio *penso, as, ávi, átum, áre* 'pensar, cogitar', no latim clássico 'pesar, examinar, ponderar, considerar, meditar, ruminar, compensar, ressarcir; permutar, trocar, cambiar; satisfazer', verbo freqüentativo de *pendere* 'pesar, examinar, ponderar; estimar, prezar; ter de peso, pagar, dar em paga, expiar', do qual deriva por meio do radical do supino [particípio passado] *pensum*; o latim tardio *pensáre* parece ter sido um desaguadouro das acepções do [verbo] latino *cogitare* 'pensar, meditar, ter um pensamento ou sentimento, formar uma idéia, conceber' e do latino *putare* 'calcular, examinar, apreciar, avaliar, estimar, prezar, julgar, crer'; *cogitare* 'pensar' é cultismo, sua forma divergente vulgar é *cuidar* 'tratar de; pensar', o [verbo] latino *putare* não veio para o português a não ser algum derivado seu como o adjetivo *putativo*; da convivência entre *cogitare* e *pensáre* terá surgido a expansão semântica de *pensáre* para as acepções 'cuidar de, tratar de' comuns ao português (sXIII), ao espanhol (sXIV), catalão (sXIV) e francês (sXII); [...] Nascentes, comentando a ampliação semântica de *pensar* para 'cuidar de,



tratar de', admite que talvez tenha havido a influência do verbo *cuidar*, do latim *cogitare* (...)

Considerando as palavras dos professores Emmanuel Carneiro Leão e Antonio Houaiss, pensar é tomar para si como tarefa algo que está suspenso e realizá-lo com cuidado ou, dito de outra forma, pensar é agir, é fazer o que deve e precisa ser feito, é cuidar, enfim. Assim, pensar-ser-amar é numa palavra: *poiésis*. Nesta palavra grega vige a essência de pensar, de ser e de amar. Por *poiésis* entende-se fazer, pro-duzir no sentido de levar para diante, de re-velar pela ação. Talvez a exposição se torne mais clara se se recuperar o mito de Cura apresentado por Heidegger (2001: 263-264):

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. Cura pediu-lhe que desse espírito à forma da argila, o que ele fez de bom grado. Quando, porém, Cura quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (*tellus*), querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: "Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito, e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar homo, pois foi feito de "humus" (terra).

Que tem o mito de Cura com pensar, ser, amar e *poiésis*? O homem enquanto criação do cuidado e a ele pertencendo é, em sua máxima vigência, cuidado, desvelo. No caminho em que se está, não se pode pretender outra coisa que não seja compreender pensar, ser e amar como pro-dução de cura e deve-se aduzir que esta produção se dá quando há disposição a ela, porquanto se faz necessário ser o mais puro inter-esse para que sejam ambos pro-dutor e pro-dução correspondência ao acontecer, ao que se mostra em seu vigor, ou seja, *poiésis*. Assim, correspondendo ao fazer e fazendo-se eis como encontramos o poeta nos versos seguintes desta estrofe:

E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela. Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela. Tenho uma grande distracção animada. Quando desejo encontrá-la, Quase que prefiro não a encontrar, Para não ter que a deixar depois. E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo. Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só pensar ela. Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

Entregue ao cuidado poético ele é todo negação ao que não seja este desvelo como evidencia nos versos: “Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.”, “Quase que prefiro não a encontrar,/Para não ter que a deixar depois.”, “Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.” e “Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.” Esta insistente negação é a afirmação reiterada da sua condição de pastor encerrado em seu pastorear. Por outra via se diz que instalado no aberto da clareira e posto em escuta todo seu ser é *poiésis*, dis-posição ao que se revela no e pelo poetizar pensante. Uma tensão se estabelece, porém, com o verso “Tenho uma grande distracção

animada”, tensão da própria vida se fazendo vida, tanto pela criação enquanto pro-dução quanto da criação enquanto obra, pro-duto e, ainda, pela disposição a este processo que o poema *O último heterônimo*, de José Paulo Paes, cujo único verso diz: “o poema é autor do poeta”, evidencia. A tensão referida provoca a pergunta: há tensão em ser criador e criatura ao mesmo tempo? Pelos versos de Caetano se pode apreender que a entrega seja total, perpassada, porém, pela tensão do recebimento/realização da tarefa de poetizar. Fazer e fazer-se a partir do feito e instalar-se nesta tensão é condição primordial, assim dizem os versos finais da estrofe, “Quero só pensar ela/ Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar”.

Sem olvidar que “amar é pensar” e “pensar ela” é consonância de amar- pensar-ser-sentir mostrando-se na realização do pastorear poético, o pastor, nos versos iniciais da sétima estrofe (“Talvez quem vê bem não sirva para sentir/ E não agrade por estar muito antes das maneiras”), prenuncia o desfecho de sua saga. Perguntar-se-ia se um desencanto não o toma. Oxalá não se trate de desencanto mas de retorno ao começo, ou melhor, ao momento em que esteve lançado ao aberto da abertura poética, vindo “com a parte de trás da cabeça” e por isso vendo bem e, conseqüentemente, estando “muito antes das maneiras” que se basta com o ver dos olhos de sempre. No entanto, e por isso mesmo

É preciso ter modos para todas as cousas, E cada cousa tem o seu modo, e o amor também. Quem tem o modo de ver os campos pela erva Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.

Ao colocar sob suspeita a obviedade destes versos e bloquear a disposição aos hábitos e preconceitos enraizados na trivialidade com que se vive os acontecimentos, partilha-se com o poeta o *comum-pertencer* as coisas, principalmente o comum-pertencer que implica o pertencimento cuidadoso àquilo a que se dá a pertencer, podendo ser compreendido também como a necessidade da escuta atenciosa visto que esta escuta é também de-cisão. Decisão de comum- *pertencer* é o salto no acontecer-apropriante, ou melhor, é deixar-se apropriar pelo que move e comove, pela *poiésis*. Quem, contudo, se deixa envolver pelos sentidos não capta, não participa do que só se pode perceber e participar sem os sentidos (“Quem tem o modo de ver o campo pelas ervas/ Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir”). Isto é o mesmo que não se permitir à abertura do aberto, não perceber a floresta a partir da clareira tampouco considerar a clareira como doação da floresta. O tom aparentemente queixoso dos versos “Amei, e não fui amado, o que só vi no fim/ Porque não se é amado como se nasce mas como acontece” remete tanto a intransitividade do amor como à retração de sua acontecência.

Se até então o poeta mostrava a apropriação pelo acontecer e o pertencimento a este, a partir do nono verso da sétima estrofe (“Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes”...) o que a ele se revelou, encobre-se e ele também se retrai ante o encobrimento. O movimento de retração recusa que se pense a ausência do cuidar, persiste-se no cuidado visto que a saga não chegou a termo e nem chegará porquanto vigora a luz do que nunca declina e, sendo assim, “o que se retrai pode concernir ao homem de maneira mais essencial e reivindicá-lo de modo mais próprio do que algo que aí está e o atinge e o afeta” (HEIDEGGER, 2002:116). Deste modo, o pastor continua “como era dantes, sozinho no campo./ Como se tivesse estado de cabeça baixa,/ Penso isto, e fico de cabeça alta” e mais adiante completa, “olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem.” Não consiste olhar um modo de esquecer e esquecendo

uma maneira de manter-se encoberto? Passo atrás. Considera-se possível (e o é pela disposição gráfica) dividir esta estrofe em dois movimentos: O primeiro dos versos um ao quinze; o segundo, dos versos dezesseis ao vinte e um.

Abre o primeiro movimento o verso, “Talvez quem vê bem não sirva para sentir” e o encerra este outro: “olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem.” Ver e olhar não dizem o mesmo, ou melhor, não têm o mesmo significado? Nem significado muito menos sentido. Ver vem de *videre* e olhar, de *adocularre*, olhar para, na direção de alguma coisa. Interessante notar que ver comporta olhar, mas não se dá o inverso, de sorte que se pode aduzir ao significado de olhar o sentido de esquecer, porque não foi visto, não foi percebido, considerado. Dito de outro modo, (lembrando que esquecer, *ex-cadere*, é cair para fora), o que caiu para fora da presença, do ver, mas que nem por isso deixou de ser, mantém-se em retração a partir do retraimento do pastor (“olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem”), ou como diz o pensador (HEIDEGGER, 2002:234), “todo manter-se encoberto guarda em si a relação com aquilo para o quê o encoberto se retrai, mas em cuja direção, na maior parte dos casos e justo por isso, está sempre a inclinar-se”, como mostram os versos que compõem o segundo movimento:

Eu não sei falar porque estou a sentir. Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa, E a minha voz fala dela como se ela é que falasse. Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro, E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras. Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.

Como se pode perceber, a inclinação do poeta ao que vige em ausência sugere um distanciamento que é todo proximidade (“eu não sei falar porque estou a sentir”), gerada a partir do seu encobrir-se (“Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa”). O que se velou, permanece velado e presente, vigendo no pastor, que se encobre a si mesmo revelando e desvelando a vigência ausente do que não declinou (“Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro, /E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras./ Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.”).

A estrofe seguinte longe de dar continuidade à narrativa do pastor-poeta, apresenta-se como uma fratura, uma cisão e causa espanto, o espanto que obriga a se deter ante o dito e se retroceda no caminho experienciado até então, uma volta ao princípio de modo a que se possa acompanhar o pastorear. Outrossim, vale salientar que há mudança quanto ao ponto de vista. A narrativa que se vinha narrando em primeira pessoa e nesta última parte a saga passa a ser apresentada em terceira pessoa, isto conduz a pensar o começo no fim que é, por seu turno, o começo do acontecer (poético).

Ao se ler os versos “O pastor amoroso perdeu o cajado,/ E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,/ E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar./ Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.”, pergunta-se: como pode o pastor perder o cajado sendo ele um “pastor amoroso”? O pastor é menos pastor por ter perdido o cajado? Quem ou o quê o faz pastor: o pastoreio ou o cajado? O cajado não remete à utilidade, à serventia por ser um instrumento do pastor? Se o pastor perde seu instrumento, ele, o pastor, também já não tem serventia nenhuma, dirá o senso comum. Mas... o que é o cajado? Diz-se que cajado é o instrumento do pastor no pastoreio; uma vara (bordão) com a parte superior recurvada em semicírculo usada para puxar os animais pela perna e trazê-lo ao rebanho novamente, ou

ainda, vara na qual o pastor apóia-se para pastorear.

Estes significados apenas em parte devem ser considerados, visto que se está diante de uma outra imagem-questão. Até agora se acompanhava a saga do pastor-poeta dis-posto em plenitude ao pastorear, o vigiar cuidadoso a partir do próprio pastor e, repentinamente, uma terceira voz se faz presente a dizer que “o pastor amoroso perdeu o cajado”, obrigando a pensar não apenas a mudança de ponto de vista mas, principalmente, ao que está sendo dito até porque a alteração de foco subordina-se, de certa forma, ao que é apresentado por colocar em questão muito mais que a mera instrumentalidade do cajado ou mesmo do pastor.

O pastor retraiu-se frente ao que nunca declina, já se disse antes, portanto, não poderia ele a partir deste retraimento continuar a narrativa, quem a continua é o poeta e através deste se tem a presença ausente do pastor, que distante é mantido em proximidade. Parece que se está a circular para não ir adiante. Não se trata disso. Esta atenção para com o foco narrativo está intimamente ligada a perda do cajado. Por certo que esta perda não é perda no sentido habitual, há de pensá-la a partir do retraimento e por este prisma pode-se afirmar que o pastor continua a ser pastor, mesmo sem cajado porque não é o instrumento que o faz, o que faz com que o pastor seja pastor é a vigência do pastorear. Contudo, se se apreende o cajado como palavra e analogamente associar a esta, a funcionalidade, a perda do cajado simetricamente corresponde a perda da palavra poética, não da poesia nem tampouco do vigor *poiético* (o que justificaria, possivelmente, a mudança de ponto de vista). Não é a palavra o “instrumento” do poeta e quando ela lhe falta, falta também a condição de poetizar, de fazer vir à luz o que lhe outorga a linguagem? Se caminha por passagens ambíguas, um risco permanente acossa o pensamento e faz estancar ante o perigo de não mais auscultar o poeta nem o pastor nem o pensamento, todavia há de se lembrar as palavras de Riobaldo para continuar aviando neste curso “quem mói no asp’ro, não fantaseia.” (ROSA, 2006:10) e a linguagem é o asp’ro que não fantaseia a poesia, carece cuidado por ser “o mais perigoso dos bens” (Hölderlin apud HEIDEGGER, 2001:129). A linguagem quando se torna em-dia-de-semana, a poesia se esvai. Será isto que o poeta quer mostrar? Sobre o que não se sabe, se deve silenciar e se por em ausculta. Ausculte-se novamente os versos,

O pastor amoroso perdeu o cajado, E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta, E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar. Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado. Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas. Ninguém o tinha amado, afinal. Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo: Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre, As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento, A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

Ao se iniciar as reflexões acerca desta estrofe, chamou-se atenção para a cisão em relação às estrofes anteriores pela mudança de ponto de vista, por outro lado se observou também o retraimento em que se pôs o pastor ante o acontecer- apropriante da linguagem. A linguagem compreendida, não como meio de comunicação, mas como “a realidade ou atualidade da liberdade como possibilidade para possibilidade” (Kierkegaard apud FOGEL, 1999:221) fez presente a liberdade do pastor em poder-ser pastor em pleno agir e mostrar o pastorear pelo pastoreio. E o que se mostra nesta oitava estrofe? O mesmo

que foi mostrado nas estrofes anteriores por outro viés.

Afirmar que esta estrofe resume concisamente as anteriores se constitua um sacrilégio, um despropósito quicá. No entanto, ousa-se sem risco de extravios. A escuta enquanto condição primordial do diálogo com poeta permitiu que se acompanhasse a saga do dizer a partir do fazer poético, o que não dá margens a considerar a saga como pro-dução do pastor. Aliás, o pastor só se fez pastor porque esteve entregue à linguagem e a partir dela mostrou o vigor com que ela se faz presente quando se está entregue a sua força articuladora. Permitindo-se a apropriação pelo dizer-mostrante, o pastor-poeta diz seu narrar inaugural, trazendo à presença o aberto da clareira em que se deixou estar no tornar-se próprio, ou seja, no tornar-se pastor-poeta em plena acontecência (=acontecer poético). Neste sentido se pode dizer, que se tem ao longo de sete estrofes, a apropriação pelo acontecer-apropriante, ou melhor, a experiencição de pertencimento ao acontecer-apropriante da linguagem que o poeta mostra por via da palavra.

E na última estrofe não se dá este pertencimento? Não é impertinente pensá-la como o revelar desprovido da tensão manifesta em que se dá o caminho poético. Não se pode, nem deve, olvidar a tensão que permeia a saga mostrante do dizer poético, até porque se recolher ao abrigo da linguagem e deixá-la agir, traz à luz a polêmica (no sentido grego) entre o apropriante e o apropriado, o mostrar-se e o retraindo do que se mostra e disso se tomou conhecimento, antes, se experienciou com o pastor. Afastado que está do momento inaugural da saga do dizer, perceptível pela voz em terceira pessoa, o poeta redimensiona o âmbito do acontecer como se se tratasse de algo exterior, como se não lhe pertencesse. Distar-se é aqui uma imposição a compor a proximidade do que se lhe revela no se deixar apropriar pela linguagem.

Olhar de fora possibilita perceber desde si o outro que ele mesmo é. A perda do cajado, as ovelhas tresmalhadas pela encosta, a música não entoada, o estar só traduzem ou melhor, traduzem (dizem de través) a maneira de ser no mundo do poeta:

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo: Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre, As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento, A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

A inutilidade necessária<sup>4</sup> de fazer-se presença presente nos entremeios do Mundo forja nos interstícios do movimento da asa ritmada a possibilidade de poder- vir-ser Terra de revelar Vida, *physis* como *lógos*, palavra fundadora, instauradora da instância poética. O poeta atravessado pela dor da liminaridade, de entre-ser Mundo e Terra recebe, em quieta consonância, o sopro da liberdade de poder-vir-a-ser o pastor, vigia da morada do ser, ou se se quiser, um guardador de rebanhos e poemas inconjuntos. O que se está a insinuar? Novo caminho ou um tropeço? Insinua-se que o curso percorrido não se encerra aqui.

Ousou-se enveredar pelos caminhos da linguagem poética através do entrelaçamento do dizer poético e do dizer pensante. Logrou-se êxito? Não há êxitos senão hesitações ante ao que não se finda. A saga mostrante do dizer da criação poética, ou seja, da *poiésis* de O Pastor Amoroso não se encerra nas oito estrofes, pro-jeta-se nos poemas de O Guardador de Rebanho e Poemas Inconjuntos e instaura a abertura para que

---

<sup>4</sup> “Só o que é absolutamente necessário e inútil é digno” (Fogel, 1999:11).

se pense a proximidade sem distâncias entre o pensamento e a poesia. Exercício de ser poeta e con-cretizar a vigência da poesia na palavra, eis a pro-vocação de Alberto Caeiro, ou tão somente, de um pastor- guardador de rebanhos inconjuntos, seus e alheios, mas alheios são apenas os tropeços.

## **TROPEÇOS<sup>5</sup>**

Kátia Rose Pinho

*Passavam os dias trôpegos pelas ruas, nada além do vento cáustico sentia-se por ali. Uma ribeira de rio talvez ameaçasse o sem-sentido vadio da pétala. E, no entanto, se cerzia nas manhãs a fome das noites anteriores. Um continuum continuado. Pirraças. Afecções miúdas que nascem na boca da madrugada e fazem gritar o dia inteiro num silêncio ensurdecedor.*

*Cansaço.*

*Respirar cansa a alma.*

*Alma, ânima, hálito, tudo o mesmo sem ninguém e povoado de seres minúsculos, ocultos nos labirintos das linhas das mãos. Nem era quiromante! Como poderia saber estas minúcias e suas astúcias? Cada curva tinha uma perna de mar. Os braços arrancados pendiam inertes. O corpo quase colcha de retalho. Tudo assim perpassado pela linha argêntea impressionava. Eram impressões colhidas nas entrelinhas, nas linhas partidas, naquela apatia que carcomia a brisa. O frescor das águas trazia um cheiro de mato. Perdia-se em enleios. Uma saudade do futuro irrompia de súbito e tragava as ondas em que se desdobrava.*

*Desdobrar para dentro e para fora a sobra do festim. As migalhas esvoaçaram-se sem dar-lhe atenção. Do cosmos ao caos tudo se entrelaçava nas notícias vindas do por acontecer. A fartura das ínfimas coisas tinha brilho esquisito, latejava como vida de se fazer. Não sabia, porém, como tecer a trama. Tramava ardis insossos e ria pelos olhos fechados. Era sempre um descer encostas escarpadas. Saltos e quedas conduziam-lhe à teimosa garimpagem de fios e pedras sem preciosidade nenhuma a não ser a de serem pedras e fios. Suas necessidades básicas resumiam-se a isto: a nada ou quase nada. Furtivos ares-de-vento. As reverberações do cotidiano nada lhe diziam. Nas mãos (alheias) não havia vestígios de argila, fartavam-se no já pronto, estendiam-se pelos meios e não pelos beirais e, no entanto, para argilarem-se era preciso andarem beirais e deixarem-se estar.*

*Não. O tempo não era de beiradas tampouco de beirais. Era o tempo de sobrevôos, dos rasantes rasteiros no ensombrecimento dos sentidos. Travessias sem traves. Informes até. Alheava-se na desfloresta do alheamento. Gostava dali onde a ruga do sol encontrava a boca da lua e a completava em atos lúgubres numa dança de encadear vicissitudes estranhas. Facho de luz licencioso para desatar sementes.*

*Semear talvez fosse imperativo senão inexorável ante o clamor subsumido de errâncias. Errâncias ou acontecências? Geravam-se a si de tal forma que era impossível distancia-las. Uma mostrava-se pela outra e reconhecia-se no entre-espaco das duas. Identificava-se, ou pelo menos, cria construir-se assim, nos entres, nos meios, por isso nunca estava ao pé nem de si. E era uma gargalhada trovejando solta no céu plúmbeo, incontinente. Gostava-se assim. Aprendera. A forma que lhe deram antes feriu o papel,*

---

<sup>5</sup> Narrativa entretecida simultaneamente ao texto desenvolvido.

*amarrotou o tecido e fez-se vinco. Aveludou-se em viole(n)tas flores e colheu ventos e tempestades. Caixa de Pandora ao alcance de mãos e bocas e corpos.*

*Queda ou precipitação?*

*Tudo o mesmo sorrateiro deslize de vozes gangorrentas sem augúrios nenhum. Um lamento em suas certezas. Se as tivesse sob controle saberia domar o espírito e descortinar-lhe as esperanças. Não sabia, contudo, nem esperar. Sabia o sabor das naus errantes em que embarcava para embriagar-se junto com aqueles homens de pés quebrados e ritmados. Aurorava a vida antes do alvorecer. Delírios delicados, breves e seus. Travestia-se de si e emergia-se numa resplandecência que só cabia nos seus olhos ainda castos quando fechados. Descer. Descer. Descer. Mergulhar na superfície. Manter-se quieta.*

*Florescência.*

*Precisava florir-se nas cortinas dos dias e transitar entre as ruas e avenidas. Atropelava pensamentos e transeuntes ausentes. Dispersava digressões. Ansiava o esbarramento em qualquer esquina com algo que lhe fertilizasse a memória. Recuperaria possivelmente alguns dos sonhos. Seria suficiente para esvaziar os vazios. Estavam cheios demais e de uma plenitude incompleta que incomodava a passagem das águas. Turvara-se por tanto tempo e só agora percebia o lírio entre as pedras. Tinha deitado à correnteza o riso dos jasmíns e inalado o perfume do ocaso. Begônia insone transmutada em Maria sem-vergonha. Um deixa-estar sem permissões de ser. Tantas vias e um desvio. Fatal. Fecundo. Gratuito como o ar poluído daquela mãetropole carinhante. Disseram-lhe que era desvelo. Ouvira. Não sentira ainda os cabelos serem penteados com os dedos nem os olhos beijados pelo céu da boca. Não importava. Os dias eram revelações de um filme interrompido. Precisava continuar. Tomar a si o dever de dirigi-lo. Tarefa árdua.*

*O cinza dos dias esvaía-se na necessidade de fazer nascer o sol no lado oposto da lua. Permitir-se sabores e não apenas saberes. Carecia preencher de verde os desassombros. Fazer jardim. Uma ternura tomava-lhe os sentidos quando em vez e abandonava-se. Incitamentos faziam-na esgueirar-se pelas paredes do mundo sentindo-lhes a textura. Os olhos da parte de trás da cabeça respiravam lassamente. Todos os ruídos, porém, chamavam-lhe atenção e seus olhos de ver eram busca do cotidiano que não lhe pertencia mas do qual não podia subsumir-se. Diligências de viver. Impertinências de existir. Inquietações que lhe asseguravam um modo peculiar de se fazer presente no anonimato. Sorria. Um sorriso trespassado do gosto de olhar pelo avesso e sempre do lado do avesso. Tinha uma graça sutil reverberar no inaudito. Quiçá pudesse andar pelo outro lado do espelho, anteciparia outros encantamentos. Perderia o mistério de engendrar-se. Sabia que o véu dos desejos deveria se mantido sempre cerrado. Fazia parte. Precisava luz de cegar sentido. Onde a encontrar não sabia. Sabia apertar botões apenas. Disseram-lhe isto também. Os botões não eram rosas, espinhos cravados suavemente nos dias. Lenimento. Para pedras.*

*Não lhe causava mais arrepios o faiscar das pedras. Eram pedras necessárias ao calçamento das passagens estreitas. Ruelas inacabadas pelo destino passageiro dos passantes seriam sempre ruelas esquecidas, também não mais as atravessava. Cansava-se agora em ouvir momentos e impacientava-se com a desfaçatez hipócrita daquele silêncio que jamais fora nem por um segundo silêncio. E, no entanto, uma faísca desprendia-se de si e incomodava-a pela alegria de intermitente pulsação. Fazia brotar na boca um gosto de alcaçuz e um desejo de sorrir.*

*Aquele bicho, que não compreendia nem sabia como vivia, causava-lhe esta espécie de sentimento que não precisava sentir e era altamente inflamável. Bastava o cigarro. Tudo a se desmanchar insolitamente. Na água. Fumava bastante por aqueles dias. Em nenhum momento esquecia-se que não havia metafísica em chocolates. Degustava-os sempre. Engordava. Fazia teia. Tecia finíssimas sedas de não prender nem esperança nem louva a deus. Carecia desses encapsulamentos não. Alimentava-se, sim, mas de outras poções menos vivas. Aprendia ainda a alimentar-se de si. Necessidade básica. Ar. Respirar o inefável.*

*Bordava-se como no princípio dos tempos. Restava-lhe a sombra. A partir dali tudo era andarilhagens. Perambular vagabundo em insólitas paisagens. Derramamento de rios. Dunas alvorescentes. Areia da amпуlhetta amputara-lhe as cinco vísceras e enxertara pequenos cristais através dos quais podia reter o fora do de dentro. Findava-se em auroras que não vivia. Boreais. Esperava e esperaria por mais tempo. Bóreas ou Solano havia de buscar-lhe, rasgar-lhe as vestes e adorna-la com nuvens. Vestida de algodão transitava muda e doce e rosa e branca. Sem escárnios nem maldizeres. As querências feijão-com-arroz eram intransitivas e não lhe doía, redomavam-lhe. E nisso não havia ciência nem pimenta. Estava perto de chegar. Questão de tempo, não mais de espaço. O universo estava ali, como sempre esteve e ao qual não dera atenção.*

*Tinha olhado por muito tempo o campo pelas ervas e pelas flores. Queria-se cega e lagariça. Depois tudo deposto haveria de retornar ao pó. Inelutável força. Nos confins do sem-fim estava o acesso. Mais um pouco de tinta e fazia coração para luz. Voltava ao começo do fim. Para desatar os nós e ajustar os ponteiros da bússola necessitava a paciência dos jogadores de xadrez e das tecelãs. A tecitura. Paixão por fios matizados no infinito da luminescência. Ansiava-se no tecido da palavra. Arava horas ávidas e avaras de reticências. Incompletava-se. Sempre. O desejo da palavra no tempo. Magia. Era-se. Sabia-se algodão fluorescente em flocos e por vezes só paina quase sem doçura. Elefante desabando nos interstícios da trama dos olhos e das cortinas que escondiam os homens de sol. Isso lhe regozijava a alma. O brilho que emanava do inaudito. O sussurro que lhe cegava as mãos. Tudo aquilo que não cabia em nenhum tecido e estava sempre bordado nos tons mais esmaecidos da vida. O sabor lacustre embriagava o espanto de a ponte fazer surgir margens, suas e alheias. Nestas horas cambaleantes emergia vida. Era tanto que não lhe cabia. Descabia-se. Desacontecia-se. Sabia que era o que lhe faltava. O lado mais humano capaz de humanizar-lhe estava na falta. Só mais um pouco. Só mais um momentinho. Miúdos instantes de averiguações. Era graça desabando para todo lado. Apropriava-se gratuita na doçura seca de caiana cana.*

*Um súbito vibrar desconcertava-lhe. Impulso ao nada. Sentia as fibras fibrilarem. Acontecera? Insciente sentia o sentido que não existia dentro das coisas, só fora, por olhar alheio. Queria rir-se. Dar-se. Pulsar-se em mesma pulsação. Diaferizar no que o acaso lhe trouxera. O acaso jogou os dados do desatino e lançou fora os dados do destino. Não compreendia. Não almejava nenhuma compreensão. Bastava-lhe a tensão a eclodir nas entranhas, da terra. Não podia brotar vida, contudo, explodia a seu modo qual natureza morta. Sentia-se Cura. Cuidava sem que soubesse o que tinha em mãos. Comprazimento de ver. Sem olhar. Sem sentir o olho do mundo inundando-lhe. Transitivos pensares suportavam a cava recolha de tropeços tantos. Provocações. Permitiria-se? Deixaria-se à cura? Silenciava-se em velames. Havia exigências, urgências e, entre ambas, um vau. Exercício de continuar caminho. Intransitivamente*



*macerava-se. Também exercício. Subvia na sobrevivência insistente de ausentes presenças. Fantasmas de adormecer gestos enquanto gatos lamurientos passeavam-lhe maneiras insidiosas.*

*Tinha, porém, certas impertinências peculiares para com os sons: queria-lhes sempre agridoce. Som de flauta perdida pelo campo. Tresmalhava-se císsil. Em vão. O tempo trazia o brilho das notas que não ouvia, apenas silêncio projetado desde a distância. Aprendia a derivar-se no intervalo dos retornos. Desabrochava mínima. Às vezes numa clave cheia de dó cabia-se breve. Por outras se expandia colchete. De que adiantava pensar estas minúcias? Apreciava o arrebatamento a que era submetida pelos vazios do pentagrama. Equilibrava-se em linhas. Passava de uma a outra sem se dar conta da ausência de pontes. Estultícia? Quiçá. Havia uma criança que precisava todo ar que pudesse inalar. Sustentáculo. Vôo de borboleta rosa por jardim de cravos e liras sem porquê nem para quê.*

*Vida por outro viés costurada à largura do instante oculta o que se perdeu no desencontro das águas. O pensamento, rubrica da passagem. Volta-sem-ida. Incontinente tangenciamento de sensações perpassada pelo que não vigora mais. Suster assim o inaugurante momento de si, a trazia cativa. Livre. Aberta às intempéries. O gosto do trovão. O cheiro do raio. A chuva forte. O granizo rebentando a vida. Arrebatamentos. Também seus. Garçalva a gaivotear os carcarás da insônia. Fazia-se múltipla unidade de vigia. Gestos. Doação de corpo. Recebia a cicatriz da forja divina: Caduceu. Consonâncias de silêncios entrelaçados sob as asas da palavra.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Introd. Emmanuel Carneiro Leão; trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. 4 ed., Bragança Paulista: São Francisco, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 16a ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *No meio do caminho*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/drumm09.html>> Acesso 09.ago.2006.

CASTRO, Manuel Antonio de (org.). *A arte em questão: as questões da arte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

CASTRO, Manuel Antonio de (org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

FOGEL, Gilvan. *Do sentir, do ver, do dizer: itinerário para uma leitura de Alberto Caeiro*. Apontamentos. Petrópolis, 2002. mimeografado.

FOGEL, Gilvan. Arte e vida. In: *Existência e arte*, Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Arte da Universidade federal de São João Del-Rei, ano I, número I, jan.-dez. 2005.

FOGEL, Gilvan. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo:

Discurso Editorial; Ijuí: UNIJUÍ, 2003. (Sendas e Veredas)

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II*. Trad. Enio Paulo Gianchini. Petrópolis RJ: Vozes, 2002. HEIDEGGER, Martin. O caminho para a linguagem. In: *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia S. C. Schuback. 2 ed. Petrópolis RJ:Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Vol. I. Trad. Márcia S. C. Schuback. 10 ed. Petrópolis RJ:Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Holderlin y la esencia de la poesía. In: *Arte y poesía*. 3 ed (1997), 10 reimpres. (2001). Trad. e prolog. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Manuel Antonio de Castro e Idalina Azevedo da Silva. 2006 (mimeograf. Inédito).

HEIDEGGER, Martin. A tese de Kant sobre o ser. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. (Col. Os Pensadores)

HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. Trad., introd. e notas Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969.

HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia S. C. Schuback. 2 ed. Petrópolis RJ:Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Aletheia. In: *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia S. C. Schuback. 2 ed. Petrópolis RJ:Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Identidade e diferença. In: *O que é isto - a filosofia? Identidade e Diferença*. Trad., introd. e notas Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Duas Cidades, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Introd., trad. e notas Emmanuel Carneiro Leão, 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999b. (Col. Biblioteca Tempo Universitário, vol. 1)

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Introd., trad. e notas Emmanuel Carneiro Leão, 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. (Col. Biblioteca Tempo Universitário, vol. 5)

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.  
LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol. I, 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1991.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol. II, 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

LAUAND, Jean. *A unidade da idéia de homem em diferentes culturas*. Disponível em <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/jean.htm>>. Acesso em 15.nov.2005.

MACHADO, Antonio. Proverbios y cantares In. *Poesías completas*. 14a ed. Madri: Espasa-Calpe 1973. Disponível em <<http://www.poesia-inter.net/amach164.htm>> Acesso em 18.dez.2005.

PAES, José Paulo. *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. São Paulo: Duas Cidades, 1988. (Coleção Claro Enigma)

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Biblioteca do Estudante)

STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "Ser e Tempo"*. 3 ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.